

ENTRE REZAS E CICATRIZES: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO CONTO “GESSO”, DE JARID ARRAES

Maria Wiliana Ferreira Severiano¹

Micaela Sá da Silveira²

RESUMO

No Brasil, a alarmante prevalência da violência contra a mulher é evidente, refletindo-se em um número considerável de vítimas em todos os tipos de violência: física, psicológica, moral e patrimonial. Nesse sentido, essa violência tem se tornado cada vez mais recorrente na produção literária brasileira, sobretudo em textos escritos por mulher. Diante disso, este trabalho apresenta uma análise da construção da mulher que enfrenta a violência doméstica no conto “Gesso”, de Jarid Arraes (2019). A pesquisa se insere na linha de investigação bibliográfica e visa contribuir para o esquecimento de futuros debates sobre essa temática complexa, que afeta a sociedade brasileira, fundamentada em teóricos que estudam sobre a violência na literatura, e violência contra a mulher, tal como, Carmen Da Poian (2011); Pellegrini (2004); Ribeiro (2021); Bourdieu (2010); Candido (1995), Regina Dalcastanè (2012), entre outros estudiosos e críticos. O estudo realizado possibilitou a compreensão mais profunda de como as mulheres vítimas de violência doméstica lidam com esse desafio e, ao mesmo tempo destacou como a sociedade contemporânea precisa lutar mais para combater essa desigualdade de gênero, tendo em vista a crítica social que emerge por meio do processo diegético.

Palavras-chave: Violência doméstica; Literatura de autoria feminina; Literatura contemporânea.

ABSTRACT

In Brazil, the alarming prevalence of violence against women is evident, reflected in a considerable number of victims in all types of violence: physical, psychological, moral, and economic. In this regard, this violence has become increasingly recurrent in Brazilian literary production, especially in texts written by women. In light of this, this work presents an analysis of the portrayal of women facing domestic violence in the short story "Gesso" by Jarid Arraes (2019). The research falls under the scope of bibliographic investigation and aims to contribute to future discussions on this complex theme that affects Brazilian society, grounded in theories concerning violence in literature and violence against women, such as Carmen Da Poian (2011), Pellegrini (2004), Ribeiro (2021), Bourdieu (2010), Candido (1995), Regina Dalcastanè (2012), and other scholars and critics. The conducted study allowed for a deeper understanding of how women who are victims of domestic violence cope with this challenge, while also highlighting how contemporary society needs to do more to combat this gender inequality, considering the social critique that emerges through the diegetic process.

¹ Discente do Curso de Letras Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

² Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutora em Literatura e Interculturalidade (UEPB).

Keywords: Domestic violence. Women's literature. Contemporary literature.

1. INTRODUÇÃO

A literatura tem sido uma presença constante em todas as civilizações, servindo tanto para entretenimento quanto para educação. Na Antiga Atenas do século VI a.C., a literatura desempenhava um papel educativo importante, como abordado por Regina Zilberman em *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto* (2008). Os gregos antigos também usavam a literatura como ferramentas de ensino. Aristóteles, o filósofo grego, definiu a literatura como “a arte da linguagem” e a viu como uma forma de imitação através da palavra: “a arte literária é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra” (Aristóteles, 2005, p. 21-22).

Conforme ressaltado por Terry Eagleton, importante teórico da literatura, em *Teoria da literatura: uma introdução* (2001), a literatura não pode ser rigidamente definida por discursos pragmáticos, pois essa definição é influenciada pela maneira como cada leitor interpreta a “linguagem literária”. “A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido” (Eagleton, 2001, p.11). Portanto, a definição de literatura depende da abordagem individual de cada leitor, assim como do contexto histórico e social no qual este sujeito está inserido, resultando em uma noção de literatura em constante mudança e sujeita a diferentes interpretações. Ficando evidente, nesse sentido, que a noção de literatura não é fixa; pelo contrário, ela é objeto de variadas definições propostas por teóricos, resultando em um debate enriquecedor e em constante evolução.

Como é sabido, a literatura brasileira foi um produto da colonização, logo tem sua base na literatura portuguesa. Por isso, a literatura brasileira apresenta vínculos com a produção europeia; e isso só começou a mudar quando o Brasil se tornou independente de Portugal, no século XIX. Diante dessa mudança, os escritores brasileiros deste período começaram a escrever suas obras buscando incluir aquilo que entendiam como características nacionalistas e, a partir desse contexto, surge o chamado cânone literário brasileiro, formado, em geral, homens brancos de classe alta, já que, naquela época, as mulheres não tinham acesso à educação, pois o seu tempo era ocupado com os afazeres domésticos, e para isso não

precisaria de outra habilidade, visto que, a mulher era considerada inferior ao sexo masculino. Como afirma Schmidt (2000), “com um paradigma de centralidade colonial assentado na concepção de um estado-nação, cuja identidade imaginada se processa sob o signo da elitização, masculinização e branqueamento da cultura como critérios de civilização” (Schmidt, 2000, p. 88).

Nesse sentido, é perceptível a exclusão de alguns grupos minorizados, (mulheres, negros, pobres, LGBTQIAPN+) tanto na representação de algumas personagens, como também no que se refere à autoria, uma vez que tais grupos tiveram seus textos silenciados, ou utilizavam, pseudônimo para terem seus textos publicados, como por exemplo, a escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro (1823-1869), que no século XIX publicou o romance *D. Narcisa de Villar: Legenda do tempo colonial* (1859), utilizando o pseudônimo Índigena do Ipiranga. A elaboração de publicações periódicas dirigidas e escritas por mulheres no Brasil, como por exemplos, os jornais, teve seu início a partir dos anos 1850, conforme documentado por Buitoni (1981)³, e o marco inicial foi o Jornal das Senhoras, no Rio de Janeiro.

A história da escrita feminina na literatura brasileira, conforme destacada por Acízelo de Souza (2003), pode ser dividida em três momentos cruciais entre 1840 e 1960: primeiro, as autoras imitavam as normas sociais vigentes; segundo, passaram a escrever como forma de protesto contra a falta de autonomia e os valores minoritários; terceiro, marcado pela autodescoberta, explorando questões do final do século XX. A crítica literária aponta que literatura de autoria feminina surge, timidamente, em meados do século XIX, e a crítica literária feminista inicia nos Estados Unidos e na Europa, a partir dos anos 1960 e 1970, promovendo o processo de questionamentos acerca dos padrões literários existentes, assim, transformando-se em uma crítica de reivindicação de direitos.

No Brasil, a literatura feminina ganhou destaque com a publicação de *Úrsula* em 1859, escrita por Maria Firmina dos Reis. Este marco representou um avanço para as escritoras da época. Júlia Lopes de Almeida, importante para a literatura brasileira e coidealizadora da Academia Brasileira de Letras. Na literatura canônica brasileira, é comum ver mulheres desempenhando papéis de destaque em obras escritas por homens, mas muitas vezes são privadas de ter voz própria, como por exemplo, em *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis, onde personagens como Capitu é destaque, mas a narrativa é centrada na perspectiva masculina.

³ De acordo com Buitoni (1981), o primeiro periódico brasileiro voltado para o público feminino, *O Espelho Diamantino*, foi impresso no Rio de Janeiro no período de 1827 e 1828, sendo seguido de outras iniciativas esporádicas e de curta duração.

Na literatura contemporânea, Regina Dalcastanè (2010) e Leal (2010) destacam que a narrativa dá voz a grupos marginalizados, incluindo mulheres, pessoas negras, a comunidade LGBTQIAPN+. Leyla Perrone-Moisés (2016) vê a literatura contemporânea como “uma reescritura”, enquanto Schøllhammer (2009) sugere que os escritores contemporâneos têm um olhar aguçado devido ao seu deslocamento em relação à época atual, revelando o presente por meio de incoerências históricas. A literatura também abordou a violência contra as mulheres ao longo do tempo, mesmo em romances regionais do século XIX e XX, onde o feminicídio era mencionado, muitas vezes relacionado à manutenção da honra masculina. Com isso surgiu análises acadêmicas sobre a representação da violência contra a mulher na literatura contemporânea. A literatura contemporânea aborda temas como a violência contra mulheres, exploração sexual infantil e violência psicológica. Dados alarmantes mostram a persistência desse problema, com quase 51 mil mulheres sofrendo violência diariamente em 2022.

Diante da dimensão das questões apresentadas, este artigo objetivou analisar como foi feita a construção da mulher no “Gesso”, para identificar a forma que a violência contra a mulher foi retratada nele; compreender como a personagem feminina passou a lidar com seus traumas após sofrer violência doméstica e analisar como é ser mulher que sofre violência em uma sociedade machista. O conto faz parte do livro *Redemoinho em dia quente* (2019), de Jarid Arraes. A escolha desse conto, em específico, se deu por causa da sua temática, pois aborda a violência doméstica, vivenciada pela protagonista, Doralice. E para ampliar a discussão acerca dos motivos pelos quais a violência contra a mulher ainda é tema tão abordado na literatura.

Para a realização de tal análise, utilizamos a pesquisa bibliográfica que, Lakatos e Marconi (2003, p. 183) apontam como não sendo, “[...] mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Por isso, iremos buscar o conhecimento da literatura para entender como se dá a construção das personagens que passam por violência doméstica e como esse problema está presente em narrativas contemporâneas. Ou seja, torna-se mais uma contribuição para pesquisas já realizadas, tornando-se assim, um estudo atualizado.

O *corpus* deste trabalho consiste em um dos contos apresentados no livro *Redemoinho em dia quente*, de autoria de Jarid Arraes (2019)⁴, “Gesso”. Especificamente, o

⁴ A escritora, cordelista e poeta, Jarid Arraes se sobressai no cenário literário brasileiro contemporâneo, tendo obras de destaque como: *As lendas de Dandara* (2016) e *Heroínas negras Brasileiras* (2017). Atualmente, a autora vive em São Paulo, e criou o Clube da Escrita para Mulheres e curadora do selo literário Ferina.

conto escolhido para análise refere-se à temática da violência doméstica. O desenvolvimento da pesquisa foi realizado de acordo com as seguintes etapas: inicialmente, foi feito um levantamento de dados sobre a violência contra a mulher no Brasil, para entender melhor a dimensão deste problema; depois foi feita a escolha da obra de autoria feminina e contemporânea para ser analisada. A leitura do livro foi feita por completo, para ter uma melhor compreensão da obra como um todo, seguida da leitura do livro, realizamos a escolha do conto que expõe explicitamente a questão da violência doméstica. A seleção se fundamentou na relevância da narrativa ao objeto de pesquisa. Logo depois, a partir do processo analítico, foi efetuada a seleção de teóricos que abordam os temas da violência contra a mulher em narrativas contemporâneas, para embasar a análise que estamos realizando, fornecendo assim, um embasamento teórico sólido para enriquecer a discussão e análise do conto escolhido. Após concluir essas etapas, foi feita a análise do conto “Gesso”, que se concentrou em como foi realizada a construção da mulher na obra, observando como a autora abordou esse tema, as mensagens disseminadas e as estratégias utilizadas. Esse processo permitiu uma análise aprofundada do conto escolhido à luz das discussões teóricas sobre a violência contra a mulher em narrativas contemporâneas. Dessa forma, buscamos contribuir para uma compreensão mais profunda e crítica dessa temática na literatura.

A obra selecionada, publicada em 2019, chegou a ser finalista do prêmio Jabuti de conto, além de ganhar o prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) da Biblioteca Nacional na categoria contos. Composto por trinta contos divididos em duas partes: a primeira é “Sala das candeias”, e a segunda é “Espada no coração”. Os contos, de um modo geral, são sobre mulheres brasileiras da região periférica do Cariri, e cada conto mostra uma história diferente que gira em torno do cotidiano das protagonistas. No conto “Gesso”, que está na segunda parte de livro, e foi o escolhido para este trabalho, iremos conhecer a protagonista Doralice, que encontra na religião uma saída para fugir da violência doméstica, pois quando ela está participando das renovações da igreja nas casas do bairro, consegue fugir do Sérgio, o homem com quem ela tem um relacionamento. Mesmo não sendo muito religiosa, e nem acreditando em oração, a protagonista participa de todos esses eventos, até que, em uma dessas renovações, ela escuta a santa de gesso falando com ela, dizendo que ela iria morrer. Para fugir de Sérgio, pois ela estava com medo de ir para casa, Doralice passa a noite rezando junto a santa, mas, no dia seguinte, logo cedo Sérgio vai à procura de dela e, em um momento de fúria, a violenta, mesmo que ela ainda estivesse rezando.

A ideia de investigar sobre as construções das personagens, surgiu quando tive

contato com a leitura de romances, desde os clássicos da literatura até às produções que não estão inseridas nesta classificação. Ao ler algumas obras de autoria feminina, como por exemplo, *Orgulho e preconceito* (1813) de Jane Austen; *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector; *Olhos d'água* (2014) de Conceição Evaristo, fiquei curiosa para entender como as autoras construíam as suas personagens mulheres dentro de suas obras, e qual era a importância delas no meio da literatura brasileira. Em razão disso, ao ler o livro *Redemoinho em dia quente* (2019), e, principalmente, o conto “Gesso”, levantou-se uma inquietação para perceber como a autora fez a construção da personagem.

Em vista disso, ao observamos as estatísticas atuais de violência contra as mulheres, torna-se evidente a relevância de abordar essa questão na literatura contemporânea, já que, a literatura é uma ferramenta poderosa para tratar de questões sociais. Através desta análise, foi possível entender como a autora expõe essa temática sensível e como ela colabora para a problematização acerca da violência contra a mulher na sociedade contemporânea, fazendo com que, assim, as mulheres vítimas de violência não fiquem silenciadas e, com isso, possibilite a discussão e reflexão sobre este problema e suas consequências na sociedade brasileira contemporânea.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência contra a mulher é um tema de grande relevância social, e sua exposição na literatura oferece uma oportunidade para investigar e entender as obscuridades deste problema. A protagonista do conto “Gesso” irá representar milhares de mulheres brasileiras que sofreram ou sofrem com a violência diariamente. Dessa maneira, algumas discussões sobre a violência contra a mulher e a violência na literatura são essenciais.

Para tal propósito, fomos pesquisar alguns estudiosos e teóricos para o nosso embasamento nessa discussão, como Carmen Da Poian (2011); Pellegrini (2004); Ribeiro (2021); Bourdieu (2010); Candido (1995) e Regina Dalcastanè (2012), entre outros autores, fornecendo assim um debate crítico sobre esses assuntos. Esses autores contribuíram para o debate dessa temática, pois trazem suas opiniões críticas acerca desses assuntos.

2.1 MULHERES NA LINHA DE FOGO

É evidente que o aumento nos números de casos de violência contra as mulheres no Brasil e no mundo é assustador. Só no Brasil, cerca de 18,6 milhões de mulheres brasileiras foram vítimas de algum tipo de violência em 2022, segundo pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os tipos de violências foram variados, como por exemplo, violência verbal foi 23,1 %, ameaças de violências físicas foram 12,4 %, perseguição foi 13,5 %, ofensas sexuais 9,0 %, sendo essas as mais frequentes registradas. Sem falar que, 43% das mulheres brasileiras já sofreram violência psicológica cometida pelos parceiros. O número de vítimas que foram até uma Delegacia da Mulher aumentou em relação a 2021, passando de 11,8% para 14% em 2022, segundo pesquisa que foi publicada na revista *Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil*, que está em sua quarta edição.

A violência de gênero é impulsionada, na maioria das vezes, pela dominação do sexo masculino sobre o feminino, em que o homem quer evidenciar sua masculinidade através de força bruta, pressão psicológica ou a violência simbólica. O termo violência veio do Latim *violentia*, que significa veemência, impetuosidade, de *violentus*, o que age pela força, segundo Yves Michaud (1989, p. 08). Sobre essa forma de dominação masculina, Bourdieu (2005, p. 07-08) afirma:

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência [...] (da) submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, 11 ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação.

Assim, o sociólogo Pierre Bourdieu, explica que o masculino e feminino são opostos desiguais, pois o masculino é visto como superior e construído contra o feminino, apontando que nós não percebemos que somos dominados pelo Estado, pela sociedade, pelas instituições. No caso da violência simbólica, vai muito além da economia, como por exemplo, a dominação do homem que ainda interfere no salário da mulher, pois sabemos que, em alguns casos, a mulher exercendo o mesmo trabalho que um homem, ela irá ganhar menos. Percebe-se como a dominação masculina é complexa, que está enraizada constituição da nossa sociedade.

Destaca-se que violência de gênero acontece de muitas formas, podendo começar com uma agressão verbal, agressão física, até chegar a um feminicídio. Sem contar nos casos de sequestros em que mulheres são usadas para fins sexuais de várias formas desumanas. Em alguns casos, as mulheres se veem reféns dos seus parceiros, umas por medo de ficar sozinhas, outras por dependência financeira e, com isso, acabam virando submissas aos seus

companheiros.

Não podemos deixar de mencionar o patriarcalismo, que é uma estrutura complexa e multifacetada. O patriarcalismo institui a masculinidade, que se impõe sobre os demais gêneros, demarcando costumes e culturas sociais, como explica Elódia Xavier (1998):

O patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos, os escravos e os vassalos, além do direito de vida e de morte sobre todos eles. A autoridade do patriarca sobre os filhos prevalecia até mesmo sobre a autoridade do Estado e duraria até a morte do patriarca, que poderia, inclusive, transformar seu filho em escravo e vendê-lo (Xavier, 1998, s.p.).

Historicamente, percebemos que o patriarcado perpetua a desigualdade, a violência, principalmente, contra mulheres e crianças e a opressão. Por definição, o patriarca, é o indivíduo que merece obediência, por isso surge a opressão. “[...] o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (Saffioti, 1999, p. 88). A luta pela emancipação e direitos igual das mulheres têm sido fundamentais para transformar e desafiar essas estruturas patriarcais ao longo da história. Nesta conjuntura, é inegável que patriarcalismo representa uma ideologia que foi imposta a sociedade.

A sociedade contemporânea encobre a persistência do patriarcalismo sob a aparência de um suposto regime democrático, em que todos têm a oportunidade de expressar suas opiniões e serem ouvidos. No entanto, a realidade que experimentamos desacredita essa ilusão. A estrutura patriarcal, que foi gradativamente estabelecida ao longo dos anos, evoluiu de tal forma que muitas vezes passa despercebida pela sociedade, ocultando o quão profundamente essa ideologia opera. Ela se camufla por trás de comportamentos velados e é reconhecida tanto por aqueles que a praticam quanto por aqueles que sofrem com essa forma de violência, criando assim uma máscara que oculta a verdadeira natureza das práticas patriarcais.

Nessa perspectiva, é interessante evidenciar que um dos principais problemas sociais no Brasil atual é a violência. É notório que, como a literatura está ligada intimamente à vida social, a violência também está presente em algumas narrativas. Em narrativas produzidas na contemporaneidade, nos deparamos com textos de ficção que abordam questões sobre a violência contra as mulheres; exploração sexual infantojuvenil; violência psicológica, entre outros tipos de violências. Ao observarmos os números de casos de violência contra a mulher, atualmente, percebemos o quão importante é essa temática se fazer presente na literatura contemporânea, pois através dessa produção é possível fazer reflexões

acerca desse tema, assim como denunciar alertar sobre o problema.

No Brasil, só no ano de 2022 quase 51 mil mulheres sofreram violência diariamente, é o que mostra a pesquisa *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil* 4ª Edição (DataFolha/FBSP, 2023)⁵. Tendo em vista o crescimento desse problema, que, infelizmente, não vem acontecendo de hoje, o Estado criou a Lei Maria da Penha, 11.340, em 2006, como uma tentativa de “mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (Brasil, 2006). Entretanto, infelizmente, o Estado ainda não consegue garantir o direito de liberdade dessas mulheres ameaçadas por seus companheiros, os dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), mostram que, de 2009 a 2019, 50.056 foi o número de assassinatos de mulheres. Esses são alguns dos dados que estão no Atlas da Violência, publicado em 2021. E só em julho de 2022 houve mais de 30 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra mulheres no país, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Esses dados são extremamente preocupantes e indicam a insistência de um grave problema de violência de gênero no Brasil.

Assim, como mencionamos, a literatura apresenta também essa violência, não apenas a produção da atualidade, pois ao analisarmos os romances regionais, produzidos no século XIX ou mesmo no século XX, percebe-se que o feminicídio era um assunto abordado, ainda que reiterasse a manutenção da honra masculina, como por exemplo, no romance de José Lins do Rego, *Menino de engenho* (1932), quando o pai do narrador, Carlos, assassina a sua esposa após se deparar com uma traição. De acordo com Pellegrini (2004), “vigora num sistema simbólico de honra e vingança individuais” (Pellegrini, 2004, p. 17), ou seja, é uma prática cultural, que infelizmente o homem utiliza para tentar se vingar da mulher através da violência. Sendo esse assunto extremamente relevante e se destacando no contexto acadêmico, encontramos trabalhos de análises sobre a violência contra mulher presente nas narrativas literárias, como por exemplo, a tese de doutorado “*Entre a dor e o silêncio: a violência contra a mulher em romances contemporâneos*” (2019), de Paula Queiroz Dutra, que expõe como é representação da violência contra as mulheres na literatura contemporânea, analisando romances de autoria feminina e masculina, como por exemplo, *Reze pelas mulheres roubadas* (2015), de Jennifer Clement, *Um homem: Klaus Klump* (2007), de Gonçalo M. Tavares, entre outros.

⁵ Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao-datafolha-fbsp-2023/>.

2.2 A VOZ FEMININA NA LITERATURA

A temática da violência assume diversas abordagens na literatura contemporânea. Durante a década de 70, com a disseminação do movimento feminista entre as intelectuais brasileiras, a violência contra as mulheres passou a ser incorporada como um tema relevante na literatura escrita por mulheres. Embora essa abordagem não seja uniforme entre todas as autoras, a violência contra a mulher começou a receber maior visibilidade e a ser reconhecida como uma parte da cultura predominante.

Segundo Carmen Da Poian (2011), sem dúvida, “à violência em todas as suas formas faz parte do mal-estar do nosso mundo contemporâneo, mas sempre esteve presente em nossa história” (Poian, 2011, p. 30) ou seja, assim como a violência está presente em nossa história a busca da liberdade feminina também, e quanto mais direitos as mulheres conseguem, mais querem os tirar. No que diz respeito à representação da violência na literatura, Tânia Pellegrini (2004) destaca que “a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia” (Pellegrini, 2004, p. 16). Pellegrini mostra que, a violência sempre esteve presente na literatura, começando pelos romances regionalistas, e no romance de 30 e, a exemplo a obra de Guimarães Rosa e em outros autores em período que vai até a década de 90 do século XX. Os romances dessa época eram dominados pelos homens, contando as histórias pela ótica masculina, onde as mulheres não podiam se expressar, por isso, a presença das mulheres na literatura foi outra conquista, pois por muito tempo o cânone literário foi marcado pelo o domínio masculino.

Nesse contexto, Marina Colasanti, por exemplo, questiona a opressão enfrentada pelas mulheres em seu conto “Moça tecelã” (1978), através de uma paródia que ilustra a relação de controle exercida pelo patriarcado. No conto, a figura masculina é concebida como resultado do desejo da mulher em ter um marido, lançando luz sobre as expectativas e normas tradicionalmente associadas à feminilidade e ao casamento.

Ainda durante essa mesma década, Lygia Fagundes Telles publica “Venha ver o pôr do sol”, como parte da coletânea *Antes do baile verde* (1970). Nesse conto, o cenário sombrio e misterioso de um cemitério se transforma no palco de um homicídio de uma mulher, destacando a tensão inerente à violência doméstica. A narrativa é habilmente construída por meio de um intrincado jogo de suspense e mistério envolvendo os dois protagonistas, Raquel e Ricardo. Após o término do relacionamento proposto por Raquel, Ricardo se sente injustiçado e decide confrontá-la para resolver as pendências. O que

inicialmente parecia ser um encontro entre ex-namorados gradualmente se desdobra em um ritual macabro de assassinato.

Aos poucos, a escrita de mulheres passou a ser um marco na literatura brasileira, conquistando um espaço com características próprias, criando-se uma relação da mulher com outras mulheres. No Brasil, a obra literária que potencializou a escrita de autoria feminina foi “*Úrsula*, publicada em 1859 por Maria Firmina dos Reis, e trazia a perspectiva da escravidão pelos olhares de uma mulher afrodescendente” (Hayana, 2019 p. 2), porém para essa obra ser publicada a autora usou o pseudônimo “uma maranhense”, mas ainda assim foi um avanço para as mulheres escritoras. Não podemos esquecer de outra escritora importante para a literatura brasileira, Júlia Lopes de Almeida, uma das idealizadoras da ABL (Academia Brasileira de Letras), que infelizmente teve seu lugar negado a uma cadeira na por ser mulher. A literatura de autoria feminina revisa a história, analisando as lutas das mulheres em diversos contextos desfavoráveis. Sobre isso, Sharpe (2008, p. 42) avalia que:

Uma escrita feminina centra-se na relação cultural de mulheres em sociedade. Não é a escrita que simplesmente fala de mulheres, pois homens sempre escreveram sobre mulheres, sem necessariamente produzirem uma escrita feminina. A escrita feminista busca o menor, o microscópico, perpassa pela leveza estranha, pela delicadeza trágica, a sua política é a da subjetividade.

Isto é, a literatura de autoria feminina, dá visibilidade a questões do universo das mulheres, sob a ótica da própria mulher, trazendo problematizações distintas sobre a violência física e simbólica contra as mulheres, por exemplo. E, mesmo com esses avanços, estando nessa sociedade contemporânea, ainda iremos encontrar contos, poesias, romances, com a presença de mulheres submissas aos homens. Porém, essa pode ser uma estratégia de denúncia, uma forma de alertar mulheres sobre relacionamentos abusivos; sobre casos de violência psicológicas; sobre casos de sequestros, dentre outros abusos.

Na literatura canônica brasileira, notamos situações em que as mulheres ocupam papéis de destaque, como protagonistas de obras escritas por homens. Essas personagens muitas vezes foram privadas de ter voz própria, por exemplo, *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel Macedo; *Iracema* (1865), de José de Alencar; Capitu, de Machado de Assis, em *Dom Casmurro* (1899), entre outras. As personagens dessas obras citadas são de destaques, cada uma em sua história, porém a narrativa era abordada a partir do ponto de vista do homem. O exemplo mais tradicional, no que refere ao aspecto do foco narrativo, é a discussão acerca da traição de Capitu. Sabemos que a obra é narrada pelo personagem Bentinho, que ele conta o seu ponto de vista da história e, para ele, Capitu o traiu com o seu melhor amigo. O narrador, ao longo do texto, utiliza da retórica para convencer os leitores desta traição despertada por causa da semelhança de seu filho com o seu melhor amigo.

Assim, o Bento traz esse conflito gerando uma dúvida também ao leitor que se questiona sobre a possível infidelidade de Capitu.

Nesse sentido, a literatura é capaz de abordar esses assuntos e trazer uma reflexão sobre isso. A partir desses fatos, a literatura de autoria feminina pode ser vista como um instrumento luta:

[...] a emergência do outro da cultura, ou seja, as mulheres narradoras silenciadas pelas práticas narrativas da cultura patriarcal, sinaliza um novo episteme narrativo em que novos saberes, para além de limites sagrados e seculares impostos pela tradição, atualizam um novo sujeito engajado na reconceptualização de si e do mundo." (SCHMIDT, 1995. p. 182-189).

Nesses aspectos, a literatura contemporânea de autoria feminina traz uma representatividade, de problemas vivenciados pela a mulher na atualidade, discute assuntos através de olhar mais amplo, uma forma de mostrar a mulher sem ser pela ótica masculina, dando voz àquelas que são esquecidas e maltratadas. Como esse assunto da violência contra a mulher está sendo muito debatido por causa desse aumento nos dias atuais, o conto “Gesso” vai nos mostrar a realidade de muitas mulheres que são agredidas e não conseguem sair de uma relação abusiva por medo, ou por acharem que não tem opção. A autora do conto nos faz refletir sobre muitos aspectos importantes que acontecem em nossa sociedade, como por exemplo, o “Realismo feroz”, que Candido (1989, p. 212) explica:

À era de violência urbana em todos os níveis de comportamento. Guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social – tudo abala a consciência de escritor e cria novas necessidades no leitor, em ritmo acelerado.

Assim, o desenvolvimento desse “realismo feroz” retrata a problemática a qual está se passando nessa época, conforme representado por Jarid Arraes em seu conto. A autora apresenta nessa ficção, aspectos de uma temática de um problema real. Segundo Agamben (2009), em *O que é contemporâneo? e outros ensaios*, o conceito de contemporaneidade ultrapassa a temporalidade que a ele implica. Ou seja, entende-se que “contemporâneo” tem relação com o tempo, porém existe um anacronismo, pois. “aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (Agamben, 2009, p. 59). Isto é, para ser um autor contemporâneo é preciso ter em seus textos uma crítica sobre o seu momento histórico atual, mostrar as sombras e as luzes da sua época, e autora trouxe essas dificuldades da sua época para serem debatidas.

No tocante à literatura contemporânea, para Regina Dalcastanè (2010) e Leal (2010), em sua obra *Deslocamento de gênero na narrativa brasileira contemporânea*, “O silêncio dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo como todos aqueles que

vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante” (Dalcastagnè, 2010; Leal, 2010, p. 42). A literatura contemporânea dá voz àquelas vozes esquecidas, como por exemplo, as mulheres, pessoas negras, a comunidade LGBTQIAPN+ e demais grupos minoritários. Para Leyla Perrone-Moisés (2016), a literatura contemporânea é como um “olhar para o passado”, uma reescritura. Já Schøllhammer (2009)⁶ aponta que os escritores contemporâneos são aqueles que se sentem deslocados em relação à época em que vivem, por isso eles têm um olhar aguçado, permitindo assim ver o presente de uma maneira especial. E, em relação à literatura contemporânea, o autor expõe que ela não se limita a atualidade de forma direta, mas sim a destacar-se por meio de inadequações e estranhezas históricas.

A ficção brasileira contemporânea traz as marcas de uma memória histórica, de um problema crônico. Transformando em um espaço de quebra de silêncio, a literatura de autoria feminina segue na sociedade contemporânea “propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, incorporando inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver” (Rago, 1998, p. 17).

Deste modo, fica nítida a importância da literatura de autoria feminina para tratar sobre esse desafio que é a violência contra mulher, pois, a literatura nos remete a reflexão do problema, nos fazendo analisar melhor o que está acontecendo em nossa sociedade nos dias atuais. No campo social, percebemos que o governo está tentando vencer este desafio, uma vez que, já foi criada Lei, delegacias de mulheres, disque denúncia. É importante que a Lei Maria da Penha seja cumprida, e que o agressor seja punido, além disso, que as mulheres que denunciaram sejam acobertadas e fiquem garantidas dessa segurança. Com essas prevenções talvez se consiga amenizar este problema.

3. O IMPACTO DO GESSO

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.
(Manuel Bandeira)

O trecho do poema “Gesso”, de Manuel Bandeira, que integra o volume *O ritmo*

⁶ “O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Schøllhammer” (2009, p. 9-10).

dissoluto (1924), iniciando esse tópico, destaca a importância de componentes essenciais da experiência da vida humana, que seriam o sofrimento e a superação. Porque depois de uma fase de sofrimento, vem a superação daqueles acontecimentos. Em uma reflexão sobre este poema, estabelecendo uma relação com o conto “Gesso”, objeto de nossa análise, podemos notar que, na vida existem momentos difíceis e desafiadores, e não podemos nos abalar ao passarmos por esses desafios. Pensando nas mulheres vítimas de violência, e imaginando o sofrimento que passaram, notamos o quão difícil deve ser voltar a viver normalmente depois de um trauma desses. Cada mulher que passou por isso, tenta se moldar em um recomeço, se curando dessa ferida que é a violência, e tentando viver a vida de forma livre.

Adentemos ao universo do conto para perceber como essa violência é vivenciada e percebida. Em “Gesso”, a narradora-personagem, Doralice, uma moça simples do semiárido nordestino, encontra na religião uma saída para fugir da violência doméstica, pois quando ela está participando das renovações da igreja nas casas do bairro, consegue fugir de Sérgio, o homem com quem ela tem um relacionamento. O tempo do relacionamento deles não fica claro no texto, e nem como se conheceram.

As renovações da igreja são eventos devocionais ao Sagrado Coração de Jesus e o Sagrado Coração de Maria e, nesses encontros, a protagonista sempre estava presente, entretanto não acreditava, como fica explícito no trecho a “Eu estava lá no meu canto, quieta, repetindo todas as rezas junto com o coro. Acreditar, eu não acreditava. Mas fingia que era uma beleza” (Arraes, 2019, p. 77). Ela não era devota, mas participava, pois, era a sua salvação para sair de casa, uma vez que ela tinha medo da constante violência que vinha sofrendo do seu companheiro e não saía para outro lugar, sempre ficava só pelo o seu bairro, então essa era a única solução. A protagonista, pelo que fica evidente no texto, é uma pessoa sozinha, uma vez que não há informações sobre sua família ou amigos mais próximos, ela só tem a companhia das suas vizinhas da rua em que mora.

Um aspecto que chama atenção não só nesse conto, mas no livro como um todo, é a religiosidade. Sabe-se que, a autora do livro, Jarid Arraes, é nordestina e escreveu sua obra após uma viagem a região do Cariri, no Ceará, conforme site da autora⁷. Nesta região, a maioria da população é devota ao Padre Cícero, que era um líder religioso e depois de alguns milagres alcançados pelos os seus fiéis foi canonizado pelo Papa como santo. A autora cita o Padre Cícero em alguns dos seus contos desta obra, como por exemplo, no conto “Sacola”, e além dele ela também cita a beata Maria de Araújo, que é outra figura religiosa da região nordestina. A religião está profundamente enraizada na cultura e identidade do povo

⁷ Disponível em: <https://jaridarraes.com/>.

nordestino e, historicamente, sabemos que o catolicismo desempenhou um papel marcante na região Nordeste.

Essa religiosidade, presente no texto, é uma forma de mostrar as tradições que existem na região, como as festas de padroeiros que são realizadas nas cidades, uma maneira da igreja arrecadar dinheiro para ser gasto nas despesas que têm, as procissões religiosas para expressar a fé, pagando promessas que são feitas para algum santo de devoção, e autora trouxe isso para o seu texto como uma forma de apresentar essa cultura, além de refletir a sociedade, de um modo geral, que desde o processo de colonização do Brasil vê a religião e a devoção como salvação para os males.

A narrativa do conto “Gesso”, e em outras narrativas da obra, é ambientada no interior do sertão nordestino, onde sabemos que em alguns lugares a pobreza é notória. Por causa disso, faltam oportunidades no mercado de trabalho, principalmente, para as mulheres, visto que, para conciliar trabalho e família, sobretudo, para aquela mais pobre, ainda é uma dificuldade. Isso e outros fatores, como por exemplo, a cultura da família “tradicional” faz com que o homem vire o provedor do lar e, nesse contexto, o homem fica cada vez mais com a voz ativa dentro de casa e na sociedade, enquanto a mulher ficava vista apenas como a cuidadora do lar, um ser submisso. Assim, como afirma Claude Dubar (2009, p. 77):

A subordinação generalizada das mulheres a um homem (o pai, o marido, os anciãos, os padres, etc.) é detectável. [...] a diferenciação dos sexos que justifica a divisão sexuada do trabalho afasta as mulheres da esfera do poder e as constitui em grupo distinto ligado à esfera doméstica. Uma vez que essa operação parece a todos, inclusive as próprias mulheres, natural...

Isto é, na sociedade de antigamente as mulheres eram tradicionalmente colocadas em posições subalternas em relação ao homem, por meio de uma subordinação generalizada e em várias esferas da vida, como por exemplo, na família (pai e marido), e até mesmo em instituições religiosas (padres, pastores, etc.). Essa “divisão sexual do trabalho” seria a atribuição de papéis específicos com base no gênero, ou seja, a mulher ficava com o trabalho de casa e criação dos filhos, enquanto os homens eram vistos como donos do poder.

Retornando ao conto, podemos afirmar que a protagonista não via oportunidade para sua vida, na verdade, no texto não fica explícito alguns detalhes sobre ela, como por exemplo, escolaridade, e qual era a sua fonte de renda. Eles moravam em um lugar simples na periferia do Cariri, no Ceará, “[...] nosso bairro, um loteamento ainda em construção. Quando eu cheguei lá, com meus dezessete anos, aquilo tudo era mato” (Arraes, 2019, p. 77). Nesse trecho a protagonista disse sua idade quando chegou em seu bairro, mas depois não aparece mais informações sobre a sua idade atual, tanto como a do seu companheiro. Outra

coisa que é muito importante, e que deixa uma dúvida no leitor por não ter sido explicado, é a questão da denúncia contra o agressor, já que não sabemos se a protagonista já teria denunciado ou tentado denunciar seu companheiro, apenas o desejo de fugir fica explícito na narrativa.

Ao longo do conto fica perceptível que Doralice só participava das renovações da igreja em seu bairro para fugir do seu companheiro. Certo dia, em um desses eventos na casa da sua vizinha Socorro, Doralice esqueceu que tinha marcado de se encontrar com o Sérgio, e é nessa ocasião que ela descreve seu companheiro como “[...] um homenzinho horroroso, aqui entre nós. Não de aparência, porque era até aprumado, mas no jeito e nas coisas que fazia” (Arraes, 2019, p.77). A protagonista começa a detalhar as coisas que Sérgio fazia com ela, “Se o dia estava ruim, descontava todas as raivas em mim. No começo só xingava, me chamava de burra. Colocava na cabeça que eu estava dando moral pra outro e dizia que eu era uma quenga. Muita ênfase” (Arraes, 2019, p. 77). Aqui observamos a agressão psicológica e o ciúme doentio contra a protagonista, que começou primeiro com xingamentos e depois foi se transformando em agressão física. Isso é extremamente revoltante, pois, entendemos que não temos donos, somos livres e, mesmo assim, o homem que se sente no direito de bater em sua companheira por causa da sua insegurança.

A psicóloga Lenore Walker, apresenta no site⁸ do IMP (Instituto Maria da Penha) como ocorre a dinâmica do ciclo da violência, valendo salientar que não é uma regra que se aplica para todos relacionamentos conjugais complexos, mas que, está presente na grande maioria. Conforme explica Walker, o ciclo da violência é desenvolvido em três fases: a primeira fase seria a construção de tensão no relacionamento: caracterizada pelos xingamentos, injúrias, ameaças, insultos, humilhações, provocações mútuas; a segunda fase é a explosão da violência: descontrole e destruição: o agressor passa a agredir fisicamente a vítima; e a terceira fase é a lua de mel: arrependimento do(a) agressor(a): o agressor se arrepende do que fez, pede desculpas e jura que nunca mais vai agredir a vítima. No caso da protagonista deste conto, ela estava vivenciando a primeira fase do ciclo da violência, pois no começo seu companheiro só a xingava e depois passou para as agressões, mas no texto não fica claro se ele depois pedia o perdão dela, pelo o que parece é que ele não estava se importando com isso, já que ele a agredia e ficava por isso mesmo.

Como a maioria das vítimas de violência doméstica, Doralice sentia vergonha do seu relacionamento, mas sentia mais medo do que poderia acontecer com sua integridade, por

⁸Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>.

isso ela só obedecia sem questionar, “Eu engolia o choro, fazia cara de raiva e deixava que ele me puxasse e empurrasse, porque assim doía menos. Tentei me debater uma vez e meu braço ficou todo roxo...” (Arraes, 2019, p. 78). Aqui percebemos a relação de poder que o homem quer exercer contra a mulher usando a força bruta para inibir a vítima, e assim fazer com que ela o obedeça, configurando assim na definição de violência Oliveira e Cavalcante (2007, p. 40), “A violência então seria toda e qualquer ação que torna alguém desprovido de autonomia ou causa a sua violação, estabelecendo assim uma “condição geral de subordinação”. Isso fica mais perceptível no conto na seguinte passagem seguir:

E também eu não achava que tinha muita escolha. Se eu fazendo todas as suas vontades, Sérgio já me usava de boneca de trapo, do que seria capaz se eu lhe desse um pé na bunda? Eu não gostava nem de pensar, porque eu nunca conseguia imaginar que ele me deixaria em paz e eu ficaria livre para me pegar com quem eu quisesse. Então eu me pegava só com ele, que não era grandes coisas, mas se dedicava (Arraes, 2019, p. 78).

Neste trecho, constata-se que a protagonista se sente obrigada a obedecer as vontades de Sérgio, pois ela tem medo de represália, que seria a agressão física. Ou seja, Doralice não se sente livre para tomar decisões e tem medo de tomar alguma e seu companheiro desrespeitar a sua vontade. Essas atitudes violentas são raízes do sistema patriarcal, que ficaram marcadas na sociedade, sobretudo no contexto nordestino. Conforme explica Albuquerque Jr. (2001), a identidade do homem sertanejo foi criada a partir de um discurso sobre ser “cabra macho”, colaborando para naturalizar a relação entre homens e mulheres apoiada em um modelo que funciona desde do Brasil colônia: um homem viril e corajoso, “virilidade, coragem e valentia, que as novas elites urbanas pareciam não ser capazes de afirmar, sob pena de cada vez mais nos subordinarmos, nos passivizarmos, nos efeminamos. Este macho seria o nordestino.” (Albuquerque Jr, 2001, p. 136).

Culturalmente, ficou disseminada a ideia de que muitas mulheres vítimas da violência sofrida pelos seus parceiros acreditam em uma mudança por parte deles, e isso pode ser explicado através do ciclo de violência, como já foi citado, essa seria fase de lua de mel. Usando um discurso manipulador com as vítimas, fazendo com que elas pensem que não são capazes de encontrar alguém melhor, querendo tirar delas o direito de fazer suas próprias escolhas. Então, por causa desse e de outros fatores elas continuam com os seus agressores, que tiram o direito de autonomia de suas vítimas, fazendo com que elas não se reconheçam mais, disseminando único sentimento que continue vivo nelas; o medo da separação, pois assim fica mais fácil manipulá-las.

Continuando a narrativa, a Doralice permanece rezando na casa da sua vizinha,

quando vê seu companheiro chegar na renovação, o medo tomou conta:

Aí que eu estava ocupada com a reza, quando Sérgio apareceu na calçada. A cara do demônio, com ódio. Demorei pra perceber que ele estava lá plantado, fechando as mãos e estralando os dedos. Quando botei meu olho nele, senti o corpo todo arrepiar. Parecia presságio ruim (Arraes, 2019, p. 78).

Percebe-se que a narradora usa a palavra “demônio” para se referir ao companheiro, o que pode ser relacionado ao contexto da igreja, em que a figura do demônio remete a algo/pessoa ruim, por toda história retratada na bíblia. Os católicos creem que demônio é um anjo caído que se rebelou contra Deus, nesse caso, o Sérgio seria uma pessoa do mal, visto que ele não seguia o mandamento de respeitar o próximo, além de agredir a sua companheira. Para referir ao sentimento que tinha em relação à chegada de Sérgio, a narradora utiliza dizeres populares, como por exemplo, “presságio ruim” para se referir a um sentimento que a protagonista estava naquele momento e que, na interpretação de quem acredita nessas crenças culturais, seria como o anúncio de algo ruim.

É notório que a protagonista temia pela a sua vida. Como já tinha passado por momentos ruins ao lado do seu companheiro, Doralice tinha medo da presença dele mesmo que de longe, pois já sabia do que ele seria capaz de fazer contra ela. Os gestos que Sérgio fazia amedrontavam Doralice, pois ela sabia que ele estava nervoso e com raiva, e quando ele ficava assim, iria descontar nela, por isso, ela tinha receio de ir para casa. Em um determinado momento da narrativa, ela chega a se questionar como foi se envolver com o Sérgio, “Logo eu, do gênio forte, cair numa armadilha dessas, escolher um homem ruim desses” (Arraes, 2019, p. 78). Notamos que a protagonista tinha consciência que o seu companheiro era uma pessoa ruim, porém por uma questão de sobrevivência ela não o deixava.

Nota-se, ainda, a culpa que a protagonista sentia por ter se envolvido com o seu agressor. Na maioria das vezes, as vítimas se sentem culpadas e envergonhadas pelo fato de não conseguirem se impor contra o agressor. Elas não enxergam que quem está fazendo algo de errado são eles, por isso se culpam por não largarem seus companheiros e são julgadas por tal atitude. No entanto, o que algumas pessoas não notam é que, muitas vezes, a mulher está assustada demais para tomar uma providência, na maioria dos casos não tem nem outro lugar para morar ou dependem financeiramente do homem, ou seja, existem vários fatores que, de certa forma, impedem que as vítimas denunciem, ou se desprendam do agressor.

O tempo foi passando e Doralice continuou na calçada participando da renovação, e para fugir do seu companheiro resolveu entrar na casa de Socorro, deixando o Sérgio sozinho na calçada com ódio. Ele chega até a chamá-la algumas vezes, mas ela fingia que não

estava ouvindo “[...] psiu, ei, Doralice. Fazia de conta que nenhum zumbido chegava ao meu ouvido. Repetia o pai-nosso, a ave-maria, o credo e cantava de novo que a luz, a luz, descei divina e o amor” (Arraes, 2019, p. 78). A reza termina, e Doralice resolve ajudar a vizinha a servir comida para os outros convidados, pois assim demoraria mais e Sérgio se cansaria, porém, aconteceu ao contrário, ele entrou na casa à espera dela. A postura de Doralice revela uma realidade comum às mulheres vítimas de violência: procuram no contexto religioso um apoio, um acolhimento, por isso, muitas vezes, elas usam a fé como um mecanismo de fuga.

Em alguns relacionamentos abusivos, o homem proíbe a mulher de muita coisa, tal como, visitar familiares, manter o contato com as amigas, não querem que as mulheres saiam para nada, fique só dentro de casa. Assim, algumas mulheres, como a protagonista deste conto, encontram nos eventos religiosos uma saída, um momento de liberdade sem seu companheiro, justificado por ser algo nobre, para a elevação da alma. Como percebemos no trecho anterior, Sérgio viola os direitos de liberdade de Doralice, dado que está afirmado no texto da Declaração Universal de Direitos Humanos:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição [...] Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 3).

O medo da protagonista diminui um pouco ao perceber que o seu companheiro não iria fazer nada contra ela em um evento da igreja, conforme passagem: “Acho que todos concordam que não pega bem bater na mulher justo na frente da Virgem Maria. Era passagem certa pro inferno. Pro purgatório, no mínimo” (Arraes, 2019, p. 79). No espaço religioso à Virgem Maria é símbolo de santidade, então se a imagem da santa estava naquele ambiente, o ambiente estava sendo abençoado, e isso, faria do local “intocável”. Percebe-se que, quando a protagonista fala sobre bater na mulher na frente da imagem da Virgem Maria, podemos entender que, para essa religião, a violência contra a mulher não é aceitável. Diante dessa situação, Doralice continuou ajudando a servir aos convidados, quando em determinado momento ela escuta a virgem Maria cochichando para ela “Tu vai morrer, Doralice. De hoje não passa, Doralice. Mas eu te espero no céu, Doralice.” (Arraes, 2019, p. 79), e Doralice se desespera. Depois de um tempo, Sérgio cansa de chamá-la para casa e vai embora.

Mesmo sem a presença do seu companheiro ali, ela ainda estava aflita “Quem disse que eu tinha coragem de botar o pé na calçada que fosse? A Santa tinha me dito que eu ia morrer.” (Arraes, 2019, p. 79). Como a protagonista sabia que o seu companheiro era

violento, a voz da Santa poderia ser a voz do seu subconsciente avisando o que poderia acontecer caso ela fosse embora. Lógico que, para os que creem em algo sobrenatural, a Santa poderia realmente estar se comunicando com Doralice e a salvando de um final trágico.

A protagonista não tinha mais controle da sua liberdade, até medo de ir para a sua própria casa ela estava, pois quando chegava em casa sabia que iria sofrer violência doméstica. Sabendo como o companheiro estava com raiva em casa a esperando, Doralice teve a ideia de dizer que a santa estava falando com ela e ela tinha que ficar “Eu juro, eu sentei na cadeira, do lado, e ouvi a voz dela me dizendo pra ficar. Eu não sei qual é o plano dela e nem o motivo, mas eu tenho que ficar ali, sentada, rezando.” (Arraes, 2019, p. 79). Socorro, a vizinha, no começo não estava acreditando, mas como era muito devota deixou Doralice ficar.

O plano da protagonista era passar a madrugada rezando, só iria embora quando a santa parasse de dizer que ela iria morrer. Continuou a sua reza, quando percebeu que o Sérgio voltou para buscá-la: “Tá fazendo o que aí ainda, bora pra casa. Não posso, é promessa. Que promessa que tu não me contou? Uma promessa importante, caso de vida ou morte.” (Arraes, 2019, p. 80). Doralice não tinha dito a ninguém sobre a santa ter falado que ela iria morrer, só disse que tinha que pagar uma promessa. O tempo passou e todos foram embora, Socorro foi dormir e o Sérgio foi para casa, “Ele ficou soltando fogo pelas ventas e foi embora de novo.” (Arraes, 2019, p. 80).

Em um determinado momento da reza, Doralice parou para refletir sobre como seria ser mulher na época de Maria, mãe de Jesus:

Eu na reza da ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres. Pensando o que significava ser mulher na época de Maria, se era só engravidar do Espírito Santo e parir, ou se José também lhe puxava pelo braço e soltava xingamentos quando o dia estava num pé ruim. (Arraes, 2019, p. 80).

No que se refere à construção da mulher no conto, percebemos como a narradora traz uma reflexão pertinente, ao analisar trazer as antigas escrituras para mostrar que as mulheres sempre foram silenciadas. Na época de Maria de Nazaré, ela não ficou imune aos desafios e às limitações colocadas pelo machismo e pelo patriarcalismo da sociedade daquela época, só não há registros sobre violência cometidas contra ela. Porém, existe um questionamento sobre a gravidez de Maria, pois ela foi escolhida para ser mãe de Jesus, mas sem ter planejado ou escolhido essa gravidez. Ou seja, Maria não teve escolha em relação à sua gravidez. Pensando na tradição ocidental, a representação histórica da mulher seria simplificada em limitações das dicotomias tradicionais, como explica Vasconcelos (2005):

A representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada a imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição, na sociedade ocidental. (VASCONCELOS, 2005, p.01)

Ou seja, as mulheres sempre foram tratadas de maneiras dualistas, como por exemplo, a crença de existir a mulher adequada para o casamento e a mulher que não é para casar, tratando as mulheres como se elas fossem especificadas por pares desiguais. Em outras palavras, os homens controlam a narrativa da representação das mulheres na religião, cultura e sociedade. Refletindo acerca do que é posto por Doralice. Mesmo Maria sofrendo com o machismo e o patriarcalismo naquela época, ela ainda poderia ter alguns privilégios que as outras mulheres não tinham, isso por ser a mãe de Jesus, tanto que é retratada como “pura” e “santa”, enquanto Eva é retratada como “pecadora”, mas de um modo geral, todas as mulheres são ou foram controladas por um homem, seja para a escolha de um casamento, definir uma profissão, até mesmo para escolher quem ela realmente é.

Retomemos o conto. Doralice realmente passou a noite rezando na casa de sua vizinha, algumas vezes enrolava nas orações, pois estava cansada e com medo do Sérgio aparecer por lá, mas ele não apareceu de madrugada. O dia amanheceu e Doralice continuava suas orações quando a santa voltou a se comunicar com ela, “voltou a sussurrar: a morte, Doralice, de hoje não passa.” (Arraes, 2019, p. 81), depois desse sinal, Doralice se assustou com as batidas na porta, era Sérgio chamando por ela. Outra coisa que fica explícita no texto é a forma como a autora faz uma mescla de formas de expressões religiosas na narrativa, utilizando a oração do Pai nosso, que é muito usada na igreja católica, como por exemplo, no trecho em que o Sérgio entra na casa:

Cadê essa promessa que não tem fim, mulher. Espera aí que não posso levantar, vou chamar Socorro. Ô, Socorro, santificado seja Vosso nome, vem aqui abrir a porta, venha a nós o Vosso reino, que o Sérgio quer entrar, seja feita a Vossa vontade. (Arraes, 2019, p. 81).

Depois disso, a narrativa começa a ficar mais tensa, pois a protagonista irá narrar a violência cometida contra ela “ Ele entrou com tudo, veio direto no meu pescoço. Não se importava mais com a presença da Santa, muito menos com Socorro ali, congelada, só repetindo calma calma calma.” (Arraes, 2019, p. 81). Ainda segurando Doralice, “Ele me xingou com a voz baixa. Quando alguém muito nervoso fica calmo e fala baixinho, aí você sabe que tem que se cagar de uma vez.” (Arraes, 2019, p. 81). As próximas partes do conto

são mais complexas e perturbadoras, pois quando nos deparamos com cenas de agressões, e sabendo da realidade, só conseguimos sentir revolta pelo o agressor e empatia pela vítima.

Doralice ainda tenta se explicar para Sérgio, mas ele não se importa, “Sérgio, eu só tô rezando. Que reza que nada, sua rapariga, vai pra casa comigo.” (Arraes, 2019, p. 81). Bom, com esse comportamento descontrolado, já conseguimos imaginar o que estava por vir, a agressão física: “Não vou, não! A PROMESSA! Ele mirou bem no meu nariz e o murro pegou foi com tudo. Ouvi minha cara se quebrando, os ossinhos todos torados no meio.” (Arraes, 2019, p. 81). Sérgio a pegou pelo o pescoço e segurou, deixando-a sem forças, Socorro saiu correndo para calçada a procura de um homem para ajudar a controlar ele, e Doralice só lembrava das palavras da santa “Na minha cabeça aquilo ali não tinha mais volta. A Santa tinha me avisado que de hoje não passava, que a morte vinha.” (Arraes, 2019, p. 81).

Ainda sendo segurada pelo o pescoço, Doralice olhou para o lado onde estava a estátua da santa que sempre peregrinava pelas casas do bairro e ficou analisando: “O padre Raimundo sempre dizia que a Santa estava passando para nos ajudar, que deixava, em cada casa, um pouco da sua fé, da sua serenidade, da sua coragem.” (Arraes, 2019, p. 81). Enquanto ela estava fazendo essa reflexão, o Sérgio afrouxou a mão do seu pescoço e foi saindo como se nada tivesse acontecido, no próximo trecho compreendemos como ele não tinha remorso do que fazia “Bora, mulher, que eu quero meu cuscuz.” (Arraes, 2019, p. 81). Cansada, Doralice o observou saindo e não pensou duas vezes em fazer a santa resolver o seu problema: “Santinha, me perdoe, mas é a Senhora que vai resolver esse caso pra mim.” (Arraes, 2019, p. 81). No pensamento da protagonista, ela não tinha o poder de resolver essa situação, porém a Santa conseguiria, então ela usou a Santa como um instrumento que lhe deu força e coragem para lidar com o seu companheiro. Antes, a protagonista não tinha essa força para lidar com o seu companheiro, então a santa lhe deu essa força, ela se inspirou na coragem da santa para buscar a sua salvação.

As vítimas de violência doméstica, de um modo geral, aguentam por muito tempo serem maltratadas pelos seus companheiros, porém muitas vezes conseguem encerrar esse ciclo, se voltando contra o seu cônjuge, e foi isso que aconteceu com Doralice, ao afirmar que “Peguei a estátua com a mão direita e lasquei uma cacetada na cabeça de Sérgio. [...] Socorro chegou com dois vizinhos, mas a Santa já estava toda espatifada, os cacos espalhados pelo tapete. A poça de sangue formada no chão.” (Arraes, 2019, p. 81). A autora deixa o final em aberto, sem mais informações sobre o estado de saúde de Sérgio ou o que aconteceu depois com a protagonista. Levantando algumas hipóteses sobre esta cena, caso o Sérgio tivesse morrido, a protagonista ficaria livre do seu agressor, entretendo teria cometido um

crime também. Como existiam testemunhas no bairro em que eles viviam, principalmente, Socorro, a Doralice só teria cometido legítima defesa. Outra possibilidade é que, se Sérgio não tiver morrido, quando ele se recuperasse do seu ferimento, a Doralice poderá virar mais um dado para estática de feminicídio⁹.

Então, a autora conseguiu mostrar a realidade de muitas mulheres neste país através da construção desta personagem no seu conto. Ela colocou todos os questionamentos e medos da protagonista em seu texto, dando voz a ela. Com está análise conseguindo identificar os traumas que a protagonista tinha do seu relacionamento, de como fugia da dura realidade da violência doméstica, por isso, essa temática se faz tão importante em textos contemporâneos, pois precisamos mostrar mais a realidade do nosso dia a dia. No texto Doralice diz que “A rua inteira assistia, mas Sérgio se tornou corriqueiro. Tinha gente que já nem levantava a vista, só continuava varrendo a calçada, dando água pras plantas e trazendo os meninos da creche” (Arraes, 2019, p. 78). Ou seja, os vizinhos não a ajudavam em um momento tão delicado, talvez por medo ou outro fator que causasse essa omissão. E, infelizmente, isso acontece na vida real. Em casos que viraram destaque em algum jornal, tantos relatos de vizinhos que escutaram a briga, pedidos de socorro e não fazerem nada para ajudar a vítima. Vendo por esse ponto, percebemos o quão complicado é ser mulher e sofrer com a violência doméstica nessa sociedade.

Outro ponto a ser analisado é o título do conto, “Gesso”, que podemos entender como uma metáfora para simbolizar um assunto delicado, pois o gesso é de um material que pode ser quebradiço e frágil, assim são as mulheres que já sofreram algum tipo de violência, já foram quebradas emocionalmente e ficaram frágeis, pois elas enfrentaram problemas físicos e psicológicos. O gesso, quando está seco pode ser quebrado com mais facilidade, porém pode se tornar rígido e forte, e é isso que pode acontecer com aquelas mulheres que sofrem com a violência, assim como o gesso elas podem se tornar mais fortes para resistir à violência e superar as dificuldades.

Outra possibilidade de interpretação é pela parte religiosa, já que o contexto da história envolve religiosidade e, em algumas religiões, as imagens dos ícones são feitas de gesso para expressar a fé. E se analisarmos um pouco mais, ainda cabe outra interpretação para esse título, o da cura: o gesso pode ser quebrado e remodelado, e isso pode acontecer

⁹ O feminicídio é todo homicídio praticado contra a mulher por razões da condição do gênero feminino e em decorrência da violência doméstica e familiar, ou por menosprezo ou discriminação à condição de mulher. A Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos (BRASIL, 2006).

com as vítimas, pois, depois que elas saem de um relacionamento conturbado e abusivo, elas querem uma transformação de vida, querem uma vida calma e segura.

Portanto, compreendemos com esta análise “Gesso” possibilita debater mais sobre assuntos sensíveis e complexos, tal como, o relacionamento abusivo, dependência emocional e a violência. O conto nos mostra a realidade dolorosa das mulheres vítimas de violência, uma vez que, sabemos da existência de tantas outras Doralice que estão sofrendo silenciadas ou até já perderam a vida por causa dos seus companheiros. Ao longo da narrativa, somos lembrados da importância de considerar a violência doméstica um problema sério, e que deve ser tratado com urgência. O conto também nos mostra que devemos apoiar as vítimas de violência, pois, isso é muito significativo para elas saberem que têm apoio e que não estão sozinhas nesta luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta análise foi, principalmente, debater e questionar sobre a violência contra a mulher, pois como observamos este problema ainda persiste no Brasil, só em 2022 foram quase 51 mil mulheres que sofreram com a violência diariamente. A possibilidade de buscar respostas sobre este problema através de estudos desde a época de Maria mãe de Jesus até os dias atuais é muito importante, visto que o tabu para falar sobre determinado assunto ainda é evidente. O conto “Gesso” ofereceu uma perspectiva muito marcante para aquelas mulheres vítimas de violência no Brasil.

Notamos, através desta análise, como a presença dessa protagonista é forte e relevante, pois ela detalhou muito bem a realidade de algumas mulheres. Arraes deu voz à protagonista, permitindo que ela expusesse todo o seu medo, seus conflitos e sua vontade de ser livre, criando assim uma conexão mais empática com o leitor e a personagem, fazendo com que assim o sofrimento da protagonista seja mais realista. Esta análise também nos proporcionou a entender como a protagonista conseguiu interromper o ciclo de violência. Através dos seus questionamentos de como seria ser mulher em outras épocas enquanto rezava, ela conseguiu ter a consciência dos perigos que persistiam em seu relacionamento e, após sofrer mais um episódio de agressão, demonstrou coragem para enfrentar seu agressor.

O conto expõe não só a violência em si, mas também tratou de outros assuntos complexos, tal qual, os relacionamentos abusivos, a dinâmica do poder que o homem quer exercer sobre a mulher, com isso, a autora nos faz refletir como as vítimas são coagidas e manipuladas, por isso, muitas preferem o silêncio e não vão em busca de ajuda.

Assim, podemos dizer o conto “Gesso” é uma poderosa produção literária que ultrapassa as páginas do livro, nos lembrando da necessidade de promover o apoio, a conscientização e a mudança cultural para que as mulheres não precisem mais sofrer em silêncio e para que a violência doméstica seja eliminada. Percebemos também o quão importante é a escrita de uma mulher contemporânea, enquanto autora, que abordou uma temática sensível trazendo uma representação feminina em sua obra. O conto de Jarid Arraes deixa uma marca profunda, e no final da leitura, a sensação que dá é que há um desafio em buscar soluções para esta triste realidade e de querer proporcionar uma sociedade em que todas as mulheres possam viver vidas livres de opressões e violências.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 2001. _____. **Nordestino: uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

ARISTÓTELES. **A poesia clássica**. Tradução de Jaime Bruna. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2019.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BITTONI, Dulcília H. S. Mulher de papel. **A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo, Edições Loyola, 1981.

Brasil. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006: cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da **Constituição Federal**. Brasília (DF); 2006.

CANDIDO, Antonio. **“O direito à literatura”**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 199-215.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Maria Virgínia Vasconcelos. **Deslocamentos de gênero**

na narrativa brasileira contemporânea. São Paulo: Ed. Horizonte, 2010.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação.** Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** – 4ª. Edição - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMES, Melissa Carvalho. **Imagem e auto-imagem: identidade feminina no cânone literário brasileiro.** Rio de Janeiro, abr. 2003. p. 1-14.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo, SP: Atlas 2003.

Machado, Lia Zanotta. “Violência doméstica contra as mulheres no Brasil: avanços e desafios ao seu combate”. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Cartilha Violência Doméstica - Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica. Brasília: **Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos.** 2006, pp. 14-18.

MICHAUD, Yves. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

PELLEGRINI, Tânia. “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 24. Brasília, julho-dezembro de 2004, PP.15-34.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história.** In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar. Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis-SC: Editora das Mulheres, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. “Já se mete a colher em briga de marido e mulher”. In: São Paulo em perspectiva. São Paulo: Fundação SEADE, v. 13, n. 4, oct./dec. 1999, pp. 82-91. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/>>. Acesso em 21 de set. de 2023.

SCHOLLLHAMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189.

SCHMIDT, Rita Teresinha. *Mulheres reescrevendo a nação.* **Revista estudos feministas, Santa Catarina,** v.8, n.1, 2000, p. 84-97.

SHARPE, Peggy. **Entre resistir e identificar-se – para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina.** Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A ideia de história da literatura: constituição e crises. In: MOREIRA, Maria E. (Org.). **Histórias da literatura: teorias, temas e autores.** Porto

Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 141-156.

STANTON, Elizabeth Cady. Comentário sobre Gênesis: Gn 29. In: BRENNER, Athalya. **Gênesis a partir de uma leitura de Gênero**. São Paulo: Paulinas, 1995.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. **Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental**. Ártemis, João Pessoa, v. 3, p.1-10, dez. 2005.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas: ALD – Associação de Leitura de Brasil, 2008.

WALKER, Lenore. **The battered woman**. New York: Harper and How, 1979.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.

Fontes Eletrônicas:

BRASIL. Dados e Estatísticas. IPEA – **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH)** – Disponível em:< <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar>>. Acesso em 30 de jun. de 2023.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022a. **Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022**. Disponível em:< <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf>>. Acesso em 30 de jun. de 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Carta das Nações Unidas. 1945. Disponível em < [Carta das Nações Unidas \(unicef.org\)](https://www.unicef.org/pt-br/cartas-da-nao-unidas)> Acesso em 04 de ago. 2023. _____. **Declaração Universal das Nações Unidas**. 1948. Disponível em < [Untitled-1 \(usp.br\)](#)> Acesso em 05 de ago. de 2023.

Repositório UNB. Disponível em - <<http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/35677>> Acesso em 02 de set. de 2023.